



Missão Salesiana

de

Mato Grosso

**Inspetoria de Campo Grande
Brasil**

Campo Grande, 30 de junho de 1988

Prezados irmãos,

Na madrugada do dia 17 de dezembro último, com a serenidade de um patriarca, que aguarda o galardão prometido, encerrou sua longa existência o decano desta Inspetoria de Campo Grande

Padre FRANCISCO CZAPLA

Como a vela que se apaga depois de iluminar e aquecer até à consumação total, assim o nosso querido Pe. Chico, como gostosamente o chamávamos, concluiu sua jornada de 97 anos de idade, dos quais 78 com Dom Bosco, 69 no exercício do ministério sacerdotal e 60 de presença laboriosa na Inspetoria. Era o irmão que gostaríamos continuasse em nosso meio: modelo de bondade e de simplicidade, estímulo à fidelidade em nossa vocação salesiana, consolador compreensivo nos momentos de dificuldades.

Pe. Francisco Czapla era natural da heróica e gloriosa Polônia, então parte integrante do império austro-húngarico, filho de Tomás e Maria Jodlowska. Nasceu aos 3, ou como ele preferia comemorar, aos 4 de outubro de 1890, dia dedicado a S. Francisco de Assis, cujos exemplos de bondade tão bem soube imitar. Completados os primeiros estudos em sua terra natal, Kuryłówka, diocese de Przemyśl, foi admitido no nosso colégio de Oswiecim para o curso ginasial. Atraído pelo clima salesiano do colégio, seguiu o exemplo de tantos compatriotas seus, partindo para o aspirantado de Ivrea, na Itália. No ambiente favorável desta casa, que tantas vocações deu à Congregação, amadurece sua vocação salesiana, pedindo para ser admitido ao noviciado. Transcorre este período de formação em Radna, Yugoslávia, sob a direção do futuro catequista geral da Congregação, Pe. Pedro Tirone. Superada felizmente esta etapa, é admitido à profissão religiosa no dia 5 de agosto de 1909, festa de Nossa Senhora das Neves. Três anos depois, em 1912, consagra-se definitivamente ao Senhor na Congregação Salesiana. Em Lubiana, Yugoslávia, frequenta os estudos de filosofia e transcorre o período de tirocínio. Para os estudos de teologia é enviado a Foglizzo, Itália, cursando o primeiro ano em companhia do futuro inspetor de Mato Grosso, Pe. Ernesto Car-

letti. Com a declaração de guerra por parte da Itália, ele, súbdito do império austro-húngarico, é deportado para a Sardenha. Recordando este período, chegava até a elogiar os soldados que gentilmente o haviam acompanhado até o navio. Pôde, porém, continuar seus estudos de teologia, frequentando nossa casa de Cágliari. Aos 10 de agosto de 1918, festa do santo martir Lourenço, é ordenado sacerdote, em Roma, pelo cardeal Basílio Pompili. Ao celebrar, em 1968, as bodas de ouro de sua ordenação, recordava ter celebrado sua primeira missa em altar no retro do presbitério da Basilica do Sagrado Coração, sem alguma manifestação festiva. Tratava-se de um "inimigo". Triste consequência de guerra!

Transcorre os primeiros meses de sacerdócio na assistência aos internos do "Sacro Cuore", em Roma. Uma carta, chegada a Campo Grande, por ocasião das bodas de ouro sacerdotais do Pe. Francisco, relembra os gestos do jovem padre salesiano, resumindo as características da personalidade dinâmica, caridosa e amiga do Pe. Francisco. Dizia a carta: em outubro de 1918, entrava na casa salesiana do "Sacro Cuore", em Roma, um novato. Na tarde daquele primeiro dia de colégio, longe da família, perdido na imensa sala de estudo, o menino de doze anos sente bater-lhe forte a saudade. O silêncio rigoroso daquelas horas, que tardam a passar, aumenta ainda mais a sensação da solidão. O pensamento corre ao saudoso lar paterno e os olhos enchem-se de lágrimas que, furtivamente, enxuga. Mas eis alguém se aproximar: é o atencioso e vigilante Pe. Francisco. Poucas palavras, muito afeto, sorriso animador são o bom substituto ao calor da vida familiar. O gesto amigo não se apagou com o passar dos anos. Cincoenta anos mais tarde, o juvenzinho, feito adulto e sabendo da existência de seu benfeitor, escreve carinhosamente palavras de agradecimento e de congratulação, sensibilizando profundamente o homenageado.

Eis o retrato do Pe. Francisco: amigo, pai, pastor, mais do que superior.

Concluída a guerra e restabelecida a independência da Polônia, Pe. Francisco retorna à sua terra. É, por vários anos, conselheiro apreciado no colégio de Varsóvia antes e nas escolas profissionais de Oswiecim depois e por dois anos catequista no colégio salesiano de Przemysl.

Quando os Superiores da Congregação, na década de vinte, desencadeiam forte campanha missionária, Pe. Francisco, aspirando o mais vasto campo de ação, apresenta o pedido para as missões. É destinado à Inspeção de Mato Grosso. A viagem está marcada no navio "Princesa Mafalda". À hora do embarque, um passageiro pede para lhe ceder o lugar. Caminhos da Providência. Aquela foi a última viagem do navio, que naufragou em pleno oceano, causando numerosas vítimas. Deus, compensando-lhe a generosidade, conservou-lhe a vida até tarde velhice, para o bem de tantos jovens. Aos 15 de janeiro de 1928, após longa viagem por mares e rios, chega à Capital Matogrossense: Cuiabá.

Após um ano de aclimação e apredizagem da língua portuguesa, é enviado em 1929, ano da beatificação de Dom Bosco, diretor no Colégio Santa Teresa de Corumbá. Inicia-se assim a larga folha de serviços prestados por Pe. Francisco Czaplá à Inspeção, desempenhando com simplicidade e dedicação os mais variados cargos da vida salesiana: diretor, conselheiro, catequista, pároco, maestro de banda, professor e outros humildes serviços. Permanece à frente do Colégio Santa Teresa de 1929 a 1938, com breve interrupção em 1936, quando assume a direção do Colégio Dom Bosco de Campo Grande. Fase bastante difícil pela construção do novo prédio do colégio. Em 1931, pela transferência de Dom Antônio Lustosa da diocese de Corumbá à de Belém, ocupa, contemporaneamente-

que os meninos já se encontravam no estudo.

Este amor e dedicação pelos seus alunos eram prontamente retribuídos pelos inúmeros ex-alunos, que acolhia sempre com reconhecimento e com seu amável sorriso e na despedida, murmurava um sincero “muito obrigado”. “Interessante - escreve Pe. Sílvio - como dentre tantos professores e superiores, o primeiro a ser lembrado era empre ele. Devido certamente aos traços característicos de sua personalidade: bondade aliada à firmeza, seriedade à franqueza; amizade e lealdade; espontaneidade e fidalguia. O tradicional contução, acompanhado do costumeiro “vaga” (vagabundo), era como o toque mágico a despertar familiaridade e abrir-se a um largo sorriso”. Nele se verificava a plena realização das palavras de Dom Bosco: “o aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e superiores como pai e amigo”.

Quando, em 1980, completava os 90 anos, dos quais a maior parte vividos no magistério, a Universidade Federal de Mato Grosso, “em cerimônia que contou também com o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso”, quis prestar significativa homenagem “a dois dos mais antigos mestres mato-grossenses: os professores Agostinho Simplicio de Figueiredo (ex-aluno do Colégio São Gonçalo) e Pe. Francisco Czapla, que prestaram os mais relevantes serviços ao Estado nas diversas funções públicas que exerceram. Sintentizando a homenagem que a Universidade prestava a todos os professores (era o ‘dia do professor’), agradeceu os dois mestres com medalhas e diplomas, em reconhecimento aos serviços que realizaram como educadores, em benefício de Mato Grosso e do País”. O Reitor da Universidade, em seu discurso, dirigindo-se aos “dois homens, que nasceram em 1890 para dedicar a existência inteira à causa da educação”, dizia “queremos perenizar nos Anais desta Universidade os nomes destes dois educadores, grandes responsáveis pelas raízes da educação no Centro-Oeste brasileiro, augurando possamos nós, educadores, imitar-lhes o exemplo, pois necessariamente um professor é um educador”. Não há palavras mais significativas para ilustrar a ação pedagógica realizada por Pe. Francisco Czapla nos sessenta anos de sua presença na educação.

Inspiração a esta total dedicação à atividade educativa era sua alma profundamente sacerdotal; sua constante vida de interioridade, sua devoção à Eucaristia e a Nossa Senhora. Na celebração eucarística diária ele alimentava aquele ardor apostólico que o fazia dar-se todo a todos. Quando, com o passar dos anos, sua vista se foi enfraquecendo, encontrou no Coad. Bombled, o irmão solícito que lhe preparou o missal com caracteres grandes e depois maiores, para que pudesse rezar sua missa. E, finalmente, quando já não podia mais ler, fazia-se levar ao presbitério, onde devotamente acompanhava a celebração da missa da comunidade.

Mas foi no Sacramento da Reconciliação que o Pe. Francisco se sentia mais sacerdote. Convicto do valor e da eficácia deste sacramento, era o primeiro a dar o exemplo de regularidade à confissão, mêmora das palavras do Apóstolo S. João: “Se dissermos que não temos pecado, nos enganamos a nós mesmos”. No exercício deste ministério, não sentia cansaço nem se esquivava, sempre disponível a qualquer chamada, fosse nos nossos colégios, nos colégios das irmãs, nas comunidades religiosas, ou nas paróquias. Acolhia o penitente, jovem ou adulto, como o bom pastor a curar as feridas da alma com os lenitivos da confiança e da misericórdia divina e a lembrança de Nossa Senhora Auxiliadora e de “nosso bom pai” Dom Bosco. “O seu confessionário - escreve um salesiano - vivia cercado de alunos, os quais, no pátio, brincavam com ele com a confiança de filhos”. “Sua

plina". Para tornar-se mais útil à Congregação, aos sessenta anos, se inscreve a um curso de educação física. Na prova final, em São Paulo, caem-lhe em sorte exercícios de natação. Eram tempos em que se usava batina, mas ele, sem algum aca-nhamento, fez seus exercícios, obtendo o diploma que o autorizava a ministrar a disciplina.

1958: ano da criação da diocese de Campo Grande, cuja catedral é a Igreja São José, sede da paróquia administrada pelo Pe. Francisco. A solenidade de posse do 1º. bispo, Dom Antônio Barbosa, é presidida pelo Nuncio Apostólico, Dom Armando Lombardi. O acontecimento implica ao vigário todo o esforço para o bom êxito da solenidade, que se revestiu de grande brilhantismo. Em sua atividade paroquial, dá atenção especial às associações, aos doentes e aos grupos de 1ª. comunhão, coadjuvado por abnegadas catequistas. Num curso de retiro espiritual para senhoras, por ele promovido, deixa como lembrança: a reza cotidiana do terço em família; testemunho de sua filial devoção para com Nossa Senhora. Transferido, no ano seguinte, para a catedral de Corumbá, dedica-se à transformação da ventusta igreja num templo bonito e inspirado à piedade e mostra-se pastor dedicado e zeloso de seus fiéis.

Em 1962, com mais de setenta anos, retira-se para a Chácara São Vicente de Campo Grande, sede do estudantado filosófico e de escola agrícola para meninos pobres. Não é para descansar, pois "trabalho e temperança" é seu lema. Nesta Chácara encontra logo ocupações: é o cuidado de aves, de grande valia para a alimentação da grande família; é a direção da banda, da qual foi até o fim grande apaixonado. Tocava todos os instrumentos de sopro, mas de modo especial, o pistão, seu fiel companheiro nas aulas de canto, quando devia colocar no instrumento a "surdina" para não abafar as vozes dos cantores. Nem sempre os jovens músicos demonstravam toda aquela disposição e empenho desejados, pondo a dura prova nervos e paciência do maestro. Este sem esbravejar ou levantar a voz, depunha a batuta no estante, dava uma volta pelo pomar e, calmo, retomava o ensaio, despertando, naturalmente, maior interesse nos jovens músicos. "Colégio sem música, é corpo sem alma", dizia Dom Bosco. O mesmo era para o Pe. Francisco, que nos últimos anos recomendava não se descuidasse da banda. Após ceder a outrem a batuta, ouvindo cantarolar antigas melodias, sorria fazendo a segunda voz ou a parte de contrabaixo. Não simpatizava muito com os novos instrumentos introduzidos na liturgia, porque seu som estridente, no seu modo de ver, não inspirava piedade. Agora lá no céu, estará certamente dirigindo com sua batuta o harmonioso canto dos salesianos que nos precederam.

"Mas música mais bela, entoada por Pe. Francisco - escreve Pe. Raimundo - é a música do Cristo, a mais linda de todas as melodias, porque trazida do céu: é o dueto da caridade e do amor, que se unem em coro uníssono numa doação total de si às multidões de alunos e ex-alunos, a quem consagrou generosamente sua vida e suas qualidades". Quando diretor, raramente era encontrado em seu escritório: sua presença era constante entre os alunos, que se reuniam ao seu redor, felizes em receber a celebre cotucada, que era gostosamente cobrada pelos ex-alunos, que, ao se reencontrarem, reviviam a gostosa mania do mestre. Podia dizer com Dom Bosco: "Entre vós me acho bem, minha alegria é estar convosco". Mesmo na tarde velhice, nas horas do recreio, encontrava-se no pátio ou sob os pórticos rodeado por inúmeros alunos, sempre disponível às brincadeiras, entremeadas de alguma boa palavra. Estava tão imbuída nele a paixão pela assistência, que, não podendo mais sair do quarto, dizia ao irmão que o assistia: "Jorgito, vai lá em baixo: os meninos devem estar sem assistente", e inistia, mesmo quando o irmão lhe dizia

te, o cargo de vigário capitular, até à tomada de posse de Dom Vicente Priante, em 1933, continuando depois como vigário geral da diocese.

Eis um testemunho de sua ação entre os alunos. “Quando conheci Pe. Francisco Czapla - escreve Pe. Raimundo Pombo - era o tremendo Padre Conselheiro: olhos como duas lanternas, que tomavam um brilho especial nas horas disciplinares do silêncio, mas que, depois, se transformavam em luzes de sorriso, tendo como arma a parte da campânula virada para a sua mão e o cabo apontado para as costelas dos amigos, pois que todos lhe eram amigos, e, embora aquela arma dirigida contra o peito, num toque que fazia todos se encolherem, contudo e de fato, aquele toque penetrava o coração. Ninguém melhor do que eu, pode afirmar, com conhecimento de causa, a grandeza deste gigante, tão grande quão humilde... Esta minha declaração é para mostrar o carinho, o amor, a pedagogia de Dom Bosco e daquele grande salesiano, Pe. Czapla”.

Em 1938, é conselheiro no Liceu São Gonçalo de Cuiabá. Ao lado do bondoso diretor, Pe. Guilherme Müller, incapaz de negativas ou de medidas enérgicas, na nova etapa, que vivia o Liceu de Artes e Ofícios São Gonçalo, necessitava de alguém capaz de encaminhar, com mão firme, a disciplina e o amor ao estudo. Ninguém melhor do que Pe. Francisco para imprimir ao colégio, a marcha que o tornou um dos melhores estabelecimentos de ensino da capital. Com toda simplicidade, assume a difícil tarefa e sem castigos ou medidas drásticas, mas com uma presença constante entre os alunos, imprime, suavemente, ordem e disciplina. Quando, no ano seguinte, os superiores lhe confiam a direção do colégio, houve espanto geral entre os alunos, mas logo substituído de assombro “diante da metamorfose da pessoa, que mantinha uma disciplina férrea e diante da qual as pernas tremiam, transformada num dos diretores mais bondosos e dedicados, que teve a Inspeção”. Confirma-o um artigo, publicado no dia de sua morte, pelo Dr. Luiz Phelippe Pereira Leite, grande admirador do Pe. Czapla e benemérito cooperador salesiano. “Quando retornei a Cuiabá, nos idos de 1941, após a conclusão de meus estudos superiores, - escreve o Dr. Luiz Phelippe - travei conhecimento com um ilustre sacerdote salesiano, Pe. Francisco Czapla, que dirigia o Colégio Salesiano São Gonçalo, sempre dispensando fraternal afeto aos seus discípulos... Impressionou-me a admiração comovida de um ex-aluno ao mestre querido, que tantas benesses dispensava aos seus alunos, amparando-os em suas necessidades e mostrando-lhes o caminho do bem”.

Se grande foi o espanto dos alunos ao receberem Pe. Francisco como diretor, não menor foi a saudade e tristeza, quando três anos mais tarde ele é removido para outro colégio. Em 1942, é escolhido pelos superiores para integrar, como conselheiro, o grupo de salesianos que, a pedido do bispo salesiano Dom Henrique Mourão, iam assumir a direção do Colégio Diocesano, hoje Colégio Dom Henrique Mourão, na promissora cidade de Lins, no oeste paulista. No ano seguinte, nova mudança: diretor do Ateneu Dom Bosco de Goiânia. Sujeito a freqüentes e fortes cefalias, transfere a mãos mais jovens a direção, assumindo novamente o cargo de conselheiro, que exerceu, por vários anos, no mesmo Ateneu antes e no Ginásio Arquidiocesano Anchieta de Silvânia, depois. Apesar do cargo, deixou em toda parte gratas recordações, sendo sempre lembrado com muita simpatia pelos ex-alunos pois sabia dirigir “fortiter et suaviter”, que o sistema preventivo traduz por “razão, religião, bondade”.

Em 1950, retorna a Mato Grosso, professor e maestro da banda do Colégio Dom Bosco de Campo Grande. “Não poupava esforços - escreve Pe. Ângelo Venturelli - na preparação das aulas, em que obtinha invejável e espontânea disci-

grandeza - escreve outro salesiano - foi magnífica no ministério das confissões. Tinha a atração dos santos e os eflúvios e a paternidade de um mestre de espírito. Nada de lucubrações intelectuais. Nada de extraordinário. Somente uma imensa bondade, a amorosa bondade do próprio Cristo, brotada em palavras de um coração misericordioso e confortador”.

Nos últimos anos, queixava-se por não poder mais atender às confissões por causa da surdez, ou por constatar o pouco interesse em promover entre os jovens, especialmente nas casas de formação, a frequência a este sacramento, “chave da moralidade”, como lhe chamava Dom Bosco. Atribuía a este abandono o naufrágio de tantas vocações ou o insucesso na atividade vocacional.

Prezados irmãos, estimule-nos a paixão do nosso irmão ao uso deste sacramento e a sermos, como Dom Bosco, apóstolos da confissão.

Quero concluir estes traços biográficos com a poesia que um ex-aluno do Pe. Francisco, lhe ofereceu por ocasião das homenagens do 60º. de sua ordenação sacerdotal. É o compêndio melhor de sua vida:

“Dentro e fora de tua comunidade,
Ostentas sempre a mesma identidade.
Transfigurado na simplicidade
Risonha, a transpirar felicidade.
Para contigo és só severidade e...
Para com os outros, compreensão e bondade.
Colmeia és tu de laboriosidade,
És elixir de eterna mocidade,
És o arco-íris da serenidade,
És a lâmpada votiva da piedade,
És a esconsa violeta da humildade,
A passiflora da conformidade,
A sempre-viva da fidelidade.
Envolto na mais sã jovialidade
A extravasar-se em sua vitalidade,
E a desterrar, com dar-se à atividade,
As incursões de toda enfermidade.
Confunde-se ora a tua longevidade
Com a apoteose de uma eternidade
Em todo o resplendor da santidade.

Prezados irmãos, concluindo esta carta mortuária, apraz-nos contemplar o abraço de Cristo com este seu fiel servo, bondoso por natureza e por esforço próprio, abraço antecipado por aquele outro abraço fraterno e afetoso do seu Vigário na terra, o Papa João Paulo II, no histórico encontro na catedral de Brasília, aos 30 de junho de 1980. Contudo, cientes da fraqueza humana e de que Deus encontra manchas até em seus anjos, recordemo-lo em nossas orações fraternas. Queiram outrossim lembrar nas orações esta Inspetoria e quem se professa em Dom Bosco Santo.

Pe. José Corazza
Secretário Inspetorial

Dados para o necrológico:

Pe. FRANCISCO CZAPLA

* 03.10.1890 em Kuryłówka (Polónia), † 17.12.1987, Coxipó da Ponte (Brasil), 97 anos de idade, 78 de profissão, 69 de sacerdócio.